

Projeto de Extensão/Uenf e suas Contribuições Para o Entendimento dos Desdobramentos da Alfabetização e do Letramento

Extension Project / Uenf and its Contributions to the Understanding the Developments of Literacy and Literacy

Tatiane Almeida de Souza ¹, Bárbara Viana Villaça ², Fabíola Azeredo Barreto Mota ³, Sérgio Arruda de Moura ⁴

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo apresentar de que forma o projeto de Extensão da UENF intitulado “A Formação de Leitores e a Instauração das Políticas Linguísticas na Escola” colaborou com o processo de conceito de alfabetização e letramento de alunos do curso normal e de Licenciatura em Pedagogia do ISEPAN, realizada através de palestras, com a finalidade de instaurar as políticas linguísticas na formação desses futuros professores. Estudando a origem da alfabetização é possível constatar que devido às necessidades da comunicação do dia a dia da humanidade é que surgiu a escrita e a leitura, e que ao inventar a escrita, o homem também fez surgir à necessidade de que ela continuasse a ser usada e passada para as novas gerações. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos os relatórios produzidos ao final de cada palestra ministrada e dialogando com os autores SOARES (2004), MORTATI (2011), KLEIMAN (2007), GERALDI (2002), entre outros. Devido a essa necessidade surgiu à alfabetização, ou seja, processo inicial de transmissão de leitura e escrita. Esse estudo tem por objetivo não só a construção desses conceitos abordados, como também expõe as contribuições que a união desses dois processos (alfabetização e letramento) traz para a educação.

Palavras-chave: Linguística. Letramento. Alfabetização.

ABSTRACT

This study aimed to present how the Extension project UENF entitled “Training Readers and Establishment of Linguistic Policy at School” collaborated with the process of concept of literacy and literacy students in the normal course and Degree in Pedagogy of ISEPAN held through lectures, with purpose of introducing the language policies in the training of these future teachers. Studying the origin of literacy it is clear that due to the needs of communication of everyday life of mankind is that did the writing and reading, and to invent writing, the man also made arises the need for it to continue to be used and passed to the new generations. To develop this study, we used reports produced at the end of each given lecture and dialogue with the authors Soares (2004), Mortati (2011) Kleiman (2007), GERALDI (2002), among others. Because of this need has arisen for literacy, or process initial reading and writing transmission. This study aims not only the construction of these concepts discussed, but also exposes contributions that the union of these two processes (literacy and literacy) brings education.

Keywords: Linguistics. Literacy. Literacy.

1 Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ
tatianealmeidauenf@gmail.com

2 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ
babivillaca@gmail.com

3 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ
fabiolaazeredo20@gmail.com

4 Doutor em Literatura Comparada / Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF/RJ
arruda@uenf.br

Um pouco acerca da história da Alfabetização ...

A busca pela metodologia adequada para ser utilizada no processo de alfabetização, no Brasil, acarretou tumulto no meio acadêmico e equívoco pelos pesquisadores. A virada de conceito, a partir da década de 80, com a tendência de alfabetizar pelos métodos construtivistas fizeram com que muitos pais buscassem uma nova escola que estava utilizando dos novos métodos para que seus filhos fossem estudar. É nesse momento que o letramento vem ganhando força pelo país todo. As melhores escolas eram as que trabalham com o construtivismo, sem demora todo o corpo docente começou a se especializar no método de alfabetizar letrando.

A historiografia da Educação, em especial da brasileira, testemunha que foi o descompromisso da elite brasileira para com a Educação das classes populares que gerou o fracasso escolar em alfabetização dos brasileiros provenientes da camada popular. O que comprova essa afirmação são os dados divulgados no ano de 1870 a todo Império do Brasil sobre a verdadeira realidade da situação de proficiência leitora dos brasileiros. Os dados eram assustadores e mostravam que 74,6% da população em idade escolar eram analfabetas, o que significava um grande obstáculo a ser enfrentado pelo Brasil.

Os relatos de Bomeny (2010) esclarecem

que os Estados mais pobres exibiam índices maiores de analfabetismo e fracasso escolar, dessa forma acentuando as desigualdades e não contribuindo para criação de um sistema educacional que respondesse às demandas da época. A situação que vivíamos era bastante parecida com a situação atual, contudo com uma pequena diferença: hoje, a alfabetização universalizou-se, graças ao pacto pela alfabetização na idade certa, e as políticas educacionais que foram implantadas com o objetivo de sanar essa deficiência. Porém, ainda se coloca em debate a questão da utilização dos métodos, ou melhor, que método utilizar no momento de consolidar a alfabetização? Existe um método adequado? Como concretizar a prática de alfabetizar na perspectiva do letramento? Como podemos ver são várias as questões que se põem em torno da alfabetização. Se fossemos responder todas, levaríamos um bom tempo discutindo cada quesito que deve ser prestado bastante atenção.

Em consonância com Araújo (1996) podemos dividir a história da alfabetização em três grandes períodos, a saber: o primeiro compreende o da Antiguidade e a Idade Média, quando a alfabetização se concretizava pelo método da soletração; o segundo, que deu início entre os séculos XVI e XVIII, em uma tentativa de desaparecer com o método da soletração, criando novos métodos sintéticos e analíticos; e, por fim, o terceiro,

marcado pela introdução da oralidade no processo de alfabetização, iniciado em 1986, com o surgimento da teoria da Psicogênese da língua escrita.

O letramento e suas concepções

A partir da década de 1980 surgiu no Brasil uma nova perspectiva para o processo de alfabetização, que gerou bastante confusão no âmbito educacional brasileiro. O letramento que surgiu, segundo Soares (2004), nos Estados Unidos devido aos inúmeros casos de jovens que tinham sido alfabetizados, contudo não sabiam fazer uso da leitura e da escrita em suas práticas sociais, no Brasil foi interpretado e executado de outra maneira, concebeu-se por aqui o letramento numa perspectiva de substituição do processo de alfabetização. É nessa afirmação que está à confusão que se deu em todo território brasileiro.

Segundo os estudos de Soares (2004) na mesma época que se deu o aparecimento do letramento no Brasil, o mesmo originou-se em outros países, como Inglaterra, França e em Portugal, todavia com conceituações diferentes, porém que carregavam o mesmo peso semântico. O que nos aparenta ao ler o artigo de Soares “Alfabetização e Letramento: as muitas facetas*” é que mesmo surgindo na mesma época, o letramento tem cau-

sas distintas nos países desenvolvidos em detrimento dos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. A autora salienta que nos países desenvolvidos o termo surgiu para nomear as práticas sociais de leitura e escrita em um período que o analfabetismo já havia sido erradicado e o problema se encontrava nos usos sociais da leitura e da escrita, enquanto nos países em desenvolvimento a questão da alfabetização na idade certa não havia sido solucionada, e o termo surgiu sob a forma de um método que solucionaria os problemas concernentes ao ensino de leitura e escrita.

As palavras de Soares (2004) corroboram para exemplificar o caso do Brasil. Vejamos a passagem a seguir:

(...) no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem, frequentemente se confundem. Esse enraizamento do conceito de letramento no conceito de alfabetização pode ser detectado tomando-se para análise fontes como os censos demográficos, a mídia, a produção acadêmica. (grifos nosso)
(SOARES, 2004, p. 7)

Podemos inferir que existem fatores que contribuem para esse equívoco que tem se instalado nos debates acerca da alfabetização e do letramento, questões ideológicas e de poder. Por exemplo, até mesmo no meio acadêmico, algumas pesquisadoras que se debruçam sob a temática causaram oscilações ao tratar do tema. A citação abaixo



retirada do texto de Soares (2004) ilustra essa afirmação:

Interessante é observar que também na produção acadêmica brasileira alfabetização e letramento estão quase sempre associados. Uma das primeiras obras a registrar o termo letramento, Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso, de Leda Verdiani Tfouni (1988), aproxima alfabetização e letramento, é verdade que para diferenciar os dois processos, tema a que retorna em livro posterior, em que a aproximação entre os dois conceitos aparece já desde o título: Letramento e alfabetização (1995). Essa mesma aproximação entre os dois conceitos aparece na coletânea organizada por Roxane Rojo, Alfabetização e letramento (1998), em que está também presente a proposta de uma diferenciação entre os dois fenômenos, embora não inteiramente coincidente com a proposta por Leda Verdiani Tfouni. Ângela Kleiman, na coletânea que organiza – Os significados do letramento (1995) –, também discute o conceito de letramento tomando como contraponto o conceito de alfabetização, e os dois conceitos se alternam ao longo dos textos da coletânea. No livro Letramento: um tema em três gêneros (1998), procuro conceituar, confrontando-os, os dois processos – alfabetização e letramento. São apenas exemplos que privilegiam as obras mais conhecidas sobre o tema, da tendência predominante na literatura especializada tanto na área das ciências linguísticas quanto na área da educação: a aproximação, ainda que para propor diferenças, entre letramento e alfabetização, o que tem levado à concepção equivocada de que os dois fenômenos se confundem, e até se fundem.

(SOARES, 2004, p.8)

Indubitavelmente o aparecimento do termo letramento no Brasil fez com que a alfabetização perdesse a sua especificidade, ocasionando o terrível fracasso escolar na aprendizagem da leitura e da escrita. Todavia, o fracasso não se dá apenas por esse fator, como também o princípio da progressão automática e o sistema de ciclos que se instaurou nas escolas.

Tfouni (2002) alega que a sua noção acerca do termo letramento ultrapassa a questão da aquisição da leitura e escrita por crianças em tenra idade, e direcionam-se as preocupações concernentes a políticas de inclusão e justiça social dos adultos não alfabetizados.

Ainda de acordo com Tfouni (2002) tanto a alfabetização quanto o letramento são processos de aquisição do sistema escrito de uma determinada língua. Destacamos usando os pressupostos de Tfouni que a alfabetização é o processo pelo qual o sujeito adquire a escrita para habilidades leitoras, escritoras e de práticas languageiras. Logo, esse processo só se dá pela escolarização. Logo, em uma perspectiva social não podemos separar os dois processos, pois um se dá em detrimento do outro. O que estamos alegando é que o processo de alfabetização (aprendizado do sistema grafocêntrico) não está distante do processo de escolarização, no entanto, se mesclam.

Giroux (1983, p. 59) apud Tfouni (2002, p. 19) relata que

“a relação entre alfabetização e escolarização torna-se clara se considerarmos que, embora a criança possa primeiramente entrar em contato com a linguagem através de sua família, é principalmente na escola que a alfabetização se consoma”.

Imediatamente, podemos inferir que a alfabetização está atrelada as práticas escolares, contudo num ponto de vista mais social da escrita, a alfabetização também deve estar vinculada as práticas sociais de uso da leitura e da escrita. É de suma importância que o professor trabalhe com a leitura e a escrita pensando na abordagem comunicativa de seus alunos, levando-os a ampliar a sua competência comunicativa.

Em contrapartida, o letramento versa sobre os aspectos sócio históricos da aquisição da escrita. Nessa perspectiva, o letramento tem por objetivo investigar não somente quem possui habilidades de leitura e escrita, mas também quem não passou pelo processo de escolarização, ou seja, quem nunca frequentou os bancos escolares, desligando-se do individual e focalizando o social.

Segundo Tfouni (2002) “existem duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades

requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes” (p. 16). O que parece está acontecendo para ocorrer o fracasso escolar em alfabetização é a concepção de que a alfabetização é um processo que chega ao fim. Contudo, a palavra processo já sinaliza que a alfabetização se caracteriza pela sua incompletude. Segundo a autora “a alfabetização está intimamente ligada à instrução formal e às práticas escolares, e é muito difícil lidar com essas variáveis separadamente” (p.17).

Dessa forma acreditamos que a alfabetização, enquanto processo individual, não termina nunca, uma vez que a sociedade está em constante mudança, assim os sujeitos necessitam de uma atualização, de modo que possam acompanhar as transformações sociais.

A fim de esclarecimento, Tfouni (2002) explica que a partir da teoria da psicogênese da língua escrita, desenvolvida por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky¹,

a alfabetização não é mais vista sendo como o ensino de um sistema gráfico que equivale a sons. Um aspecto que deve ser considerado nessa nova teoria é que a relação entre a escrita e a oralidade não é uma relação de dependência da primeira à segunda, mas é antes uma relação de interdependência, isto é, ambos os sistemas de representação influenciam-se igualmente (p. 21)

¹ Para mais informações a respeito da Teoria da Psicogênese da Língua Escrita ver: FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da Língua Escrita. Artmed Editora. Porto Alegre, 1999.

Na concepção de Tfouni (2002, p. 22) “o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”. Sendo assim, o letramento vai além da mera concepção mecânica de aprendizagem da leitura e escrita.

Encontramos em Soares (2004) uma afirmação que nos mostra a indissociabilidade do processo de alfabetização do processo de letramento. Vejamos a seguir:

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade. É preciso, a esta altura, deixar claro que defender a especificidade do processo de alfabetização não significa dissociá-lo do processo de letramento (...)

(SOARES, 2004, p. 11)

Uma inquietação trazida à tona por Tfouni (2002) é que o termo “iletrado” é usado erroneamente como antítese do termo “letrado”, pois nas sociedades modernas não existe o letramento “grau zero”, já que os adultos ou jovens não alfabetizados fazem uso da leitura em suas práticas sociais ao pegar um ônibus, fazer uma transação bancária, comprar um produto, entre outras práticas sociais de leitura. Consideramos assim que existem “graus de letramento” nas

sociedades contemporâneas. Logo, não está correto usar o termo iletrado para designar um não alfabetizado.

Precisamos acabar com esse etnocentrismo ligado a alfabetização no que tange o uso de termos para inferiorizar os que não conseguem fazer uso da escrita. Tfouni (2002, p. 25) apresenta uma proposta para acabar com esse etnocentrismo, estabelecendo a “alfabetização e letramento como processos interligados, porém separados enquanto abrangência e natureza. Outro modo é passar a considerar o letramento como um ‘continuum’”.

Estudos nos revela que há uma grande discussão no campo educacional, no que tange a definição do termo letramento, por hora ele se confunde com o termo alfabetização, causando estranheza e lacunas no ensino e aprendizagem de língua materna.

Em contrapartida, outra concepção de letramento que está em voga no campo científico é o postulado por Ângela Kleiman (2007) que também admite os aspectos sociais do aprendizado da língua escrita, isto é, no ambiente escolar assumir na alfabetização uma postura de letramento é o mesmo que atrelar esse processo ao social do aprendiz, desatrelando a alfabetização da mera concepção tradicional que concebe a alfabetização como uma habilidade individual.

Segunda Kleiman (2007) essa concepção social do ensino de língua materna requer

do professor enquanto planeja inquietações, a saber: “quais os textos significativos para o aluno e para sua comunidade”, em vez de: “qual a sequência mais adequada de apresentação dos conteúdos (geralmente, as letras para formarem sílabas, as sílabas para formarem palavras e das palavras para formarem frases)” (p.1). Nessa perspectiva o trabalho do professor de língua materna necessita de uma abordagem textual, partindo da concretude do texto para atingir os objetivos de ensino.

Ainda de acordo com a autora,

(...) Na escola, onde predomina a concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem.

(KLEIMAN, 2007, p. 2)

Ao ler a passagem acima podemos compreender que os estudos do letramento vão muito além da questão do usuário da língua ser capaz de entender o seu código escrito, contudo questiona essa concepção tradicionalista e se ancora na questão da leitura e da escrita como prática social, a fim de levar o falante a ser um poliglota em sua própria

língua, como já havia afirmado o gramático Evanildo Bechara.

O Projeto de Extensão/ UENF

O Projeto de Extensão/UENF “A Formação de Leitores e a Instauração das Políticas Linguísticas na Escola” tem como objetivo propor aos futuros professores uma formação continuada de conteúdos imprescindíveis para formação de leitores na Educação Básica. Para tanto, constitui um trabalho de capacitação junto aos alunos do Curso Normal Médio e da Licenciatura em Pedagogia do ISEPAN, na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ, com o intuito de estimular a formação do professor como um leitor, pois compreende-se nessa atividade um espaço favorável ao resgate da própria trajetória profissional do professor, que se afirma quando acontece o reencontro de sua trajetória de leitor.

A metodologia do presente projeto se dá da seguinte maneira: 16 horas semanais (realização de grupos de estudos acerca dos teóricos que embasaram o projeto) e 4 horas semanais (atuação com os alunos e professores do curso normal médio do ISEPAM).

Sabemos que na sociedade atual, as transformações sociais têm influenciado em vários aspectos, como o comunicativo e o expressivo dos indivíduos, o que se reflete consequentemente no contexto escolar.



Para isso, faz-se necessário oferecermos aos futuros educadores novas perspectivas de formação. O aluno do Normal Médio, ainda existente no Estado do Rio de Janeiro, prevalece como a formação inicial de professores que atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O que de certa maneira, aponta para uma preparação incipiente e ainda incompleta para sua atuação. Dessa forma, faz-se necessário que os cursos de magistério busquem novas possibilidades em seus currículos para uma preparação adequada de seus futuros profissionais. O processo de ensino-aprendizagem é vivenciado não somente dentro da escola, mas como uma ação que acontece em todo e qualquer setor da sociedade, que se caracteriza como a sociedade do conhecimento, porque a educação formal e a não formal caminham paralelamente e tornam a educação o principal instrumento contra a desigualdade social.

O domínio desta questão constituirá a base instrumental em cima da qual os conhecimentos se erguerão, e, mais importante, a base sobre a qual a reflexão e os domínios do imaginário se abrirão como ferramentas imprescindíveis da realização do papel da escola e da vida sociocultural. Sempre respeitando o grau de amadurecimento do aluno e as práticas culturais da escola, da comunidade e do professor, a leitura não deve operar apenas o caráter

instrumental, mas o que há nela de essencial na vivência de *sujeitos*, inseridos em *contextos sociais e políticos* precisos, formados em uma *visão de mundo* que, de tão específica, formula sua própria *identidade*.

A recuperação crítica e reflexiva deste verdadeiro acervo cultural consiste em diversas atividades a serem desenvolvidas pelo(a)s bolsistas sob supervisão e coordenação. Rodas de leitura e criação e produção de texto formam a atividade de base. Seus desdobramentos consistem em oficinas que desenvolvam, entre outras coisas, leitura de universos culturais cotidianos, prática e distinção de leitura poética e leitura referencial, distinção entre leitura semiótica e leitura linguística do texto. O resultado mais imediato esperado é o de criar entre alunos e docentes em iniciação uma outra dinâmica de língua e leitura na escola, uma dinâmica que retire as circunstâncias exclusivamente acadêmicas desta atividade e a levem para o cotidiano, como atividade plena de satisfação real e concreta.

Nesse sentido, através de atividades extensionistas, a universidade, assim com a Escola pode contribuir ao disseminar conhecimento e incentivar os pais a buscarem soluções concretas junto com os professores para seus filhos construírem uma nova história a partir da leitura e da escrita, para emancipação e formação de leitores críticos do mundo em que vivem.

Dessa forma, evidenciamos a importância da prática de leitura pelos próprios professores, mediadores de leitura escolar, compreendendo-a como uma maneira eficiente de potencializar sua ação de formadores de jovens leitores, bem como afirmar sua própria trajetória enquanto leitores. Após situar o contexto da mediação de leitura, dando ênfase à formação do professor como leitor.

Alguns resultados do Projeto ...

O projeto ainda encontra-se em desenvolvimento, e, apresentaremos os alguns dos resultados já obtidos e que nos fazem acreditar, ainda mais, em sua viabilização.

Para tanto, iremos transcrever alguns relatos dos estudantes que fazem parte do projeto:

"A oficina foi ótima para mostrar que a leitura é importante em qualquer etapa"
W. P/ 20 anos

"A palestra me ajudou a como trabalhar melhor com a educação infantil, a importância da leitura na vida de todas as crianças, a experiência de criar dedoches e recriar uma história foi muito boa"
M. De A. G /17 anos

"Contribui para desenvolver e ampliar nosso

conhecimento de uma forma de aprendizagem significativa, havendo o link da teoria com a prática"
M. T. C/16 anos

Mesmo com o projeto ainda em desenvolvimento, conseguimos obter resultados significativos, como: estimular as trocas entre o mercado profissional (as escolas) e a universidade como campo de pesquisa e aplicação; estimular nos alunos o gosto pela leitura; desenvolver no professor a busca de soluções práticas e criativas para problemas cotidianos; e, inserir o projeto no PPP do ISEPAM;

Para maior concepção do universo da pesquisa, vejamos algumas atividades desenvolvidas pelos extensionistas e os futuros professores na execução das palestras:



Figura 01: Palestra "A formação de leitores na escola"
Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura 02
Palestra “Letramento e Alfabetização: suas concepções e seus desdobramentos”.

Fonte: Acervo da pesquisa.



Portanto, um dos resultados mais significativos, foi a criação, entre alunos e docentes em iniciação, de outra dinâmica de língua e leitura na escola, uma dinâmica que retire as circunstâncias exclusivamente acadêmicas desta atividade e a levem para o cotidiano, como atividade plena de satisfação real e concreta.

Considerações Finais

A crescente preocupação em abordar, nos processos de escolarização, os usos e funções sociais que a língua escrita adquire nos diferentes contextos sociais vem mobilizando um número cada vez maior de pesquisadores para a importância da formação de leitores e produtores de textos. Esses estudos vêm indicando a dificuldade de consolidar uma prática educativa capaz de responder adequadamente a esse desa-

fio. Uma das questões destacadas refere-se à relação que o professor estabelece com a leitura e a escrita na sua vida cotidiana e a maneira como os cursos de formação lidam com essa relação.

Observa-se que os professores, nos seus cursos de formação tanto inicial quanto continuada, experimentam situações de aprendizagem voltadas para o ensino da leitura e da escrita, sem que, no entanto, essas situações contribuam para que se tornem eles mesmos leitores e produtores de textos. De uma maneira geral, os futuros docentes copiam, fazem resumos, reproduzem textos e muito menos frequentemente vivenciam situações que estimulam a autoria e a fruição. (Kramer, 2002). Nas salas de aula, o professor reproduz com seus alunos a mesma concepção instrumental em relação à linguagem escrita. A literatura, desde essa perspectiva, é quase sempre empregada como um pretexto para o ensino de conteúdos programáticos e, destituída, assim, da sua dimensão estética. O professor, portanto, na sua formação e, mais tarde, na sua ação profissional, raramente faz uso da leitura e da escrita como atividades que implicam um intenso movimento intelectual.

Para tanto, é necessário entender que o letramento e alfabetização acontecem em distintos contextos sociais e em diferentes etapas da vida do aluno. É preciso também entender um dos objetivos maior da alfa-

betização é criar no aluno alfabetizado uma visão de leitura do mundo em práticas sociais. Desta forma, alfabetizar não é somente conhecer a língua e sim se apossar da mesma e saber usá-la em diferentes meios e práticas sociais.

Sendo assim, para que o aluno consiga de fato ter o domínio da língua é preciso que pais e professores apresentem e antecipem a criança num ambiente em que a escrita faça parte de seu meio ou ter práticas que façam com que a criança vá se familiarizando com a leitura e escrita, como por exemplo, ler para a criança ainda não alfabetizada, dar-lhe livros com gravuras e letras grandes, levá-la a bibliotecas, entre outros; na escola é preciso que o professor faça circular diferentes tipos de textos durante suas aulas, e sempre propor atividades de escrita a partir desses textos.

Para tanto, o projeto tem, também, o objetivo de instruir os novos professores que serão formados e que farão parte da construção do saber, da alfabetização de várias gerações.

REFERÊNCIAS

KLEIMAN, A. *O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização*. Letramento Professor. s/n. 2007. Disponível em: http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/artigos/Letramento_Angel_Kleiman.pdf. Acesso em: 20/06/2016

KRAMER, Sonia. *Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões*. In: MACHADO, Maria Lúcia (Org.). *Encontros e desencontros marcados*. São Paulo: Cortez, 2002. p.117-132.

MENDONÇA, O. S; MENDONÇA, O. C. *Alfabetização método sociolinguístico*: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, M. Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. *Revista Brasileira de Educação*. v.1. n° 25. 2004

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo, Cortez, 2002.